COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'Sexo e Sensualidade em Eça de Queiroz', de A. Campos Matos]

Álvaro Manuel Machado

Para citar este documento / To cite this document:

Álvaro Manuel Machado, "[Recensão crítica a 'Sexo e Sensualidade em Eça de Queiroz', de A. Campos Matos]", *Colóquio/Letras*, n.º 183, Maio 2013, p. 250-252.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

francês (cf. p. 89). O que inviabiliza uma adunação entre Camilo (com a irredutível singularidade da sua linguagem) e o novo repertório, como é claro.

Conclua-se sublinhando o mérito indiscutível deste fundamentado e não pouco precioso estudo de Torres Feijó. Trata-se, não se duvide, de um estudo que reforça uma hipótese até aqui razoavelmente discutível: que o legado camiliano materializado por *ABP* e *VL* não atesta, a despeito do uso de certos expedientes técnico-narrativos e de certas tonalidades de cariz realista-naturalista, uma descontinuidade do romancista relativamente ao seu percurso romântico. Pelo contrário, é lícito supor que Camilo, como talvez não cuidássemos, por muito íntimo que pudesse ser com a nova ordem estético-literária, se revela estrategicamente, como se de um gesto de afirmação se tratasse, tenazmente coeso e coerente com o seu reconhecido capital literário. Se bem que ilustrasse «o impacto do novo movimento, incorporou formas e fórmulas, não a sua conceção nem sensibilidade, que não se compadeciam com o seu pensamento e trajectória e continuou o seu rumo. O seu mundo não desaba tão linearmente como parece e as suas propostas continuam em pé, substantivamente» (p. 91); e isso a tal ponto que o autor arrisca inclusive o juízo avaliativo de um cenário virtual: se porventura não tivesse existido Realismo, sustenta Torres Feijó, os derradeiros romances camilianos não variariam sensivelmente (p. 91). Talvez. E é neste *talvez* a declinar convincentemente para o *com certeza* que reside o mérito de *O Legado do Último Camilo Romancista e a (Auto-) Cilada Realista*, pela simples razão de que é um estudo dotado dessa capacidade exegética maior que consiste em ser capaz de extrair consequências — e, neste caso, decisivas — do que se lê com acuidade.

Sérgio Guimarães de Sousa

A. Campos Matos
SEXO E SENSUALIDADE EM EÇA DE QUEIROZ
Lisboa, Edição de Autor / 2012

Num ensaio fundamental sobre o conflito estético-cultural entre Eros e Cristo transposto para a ficção portuguesa, *As Saias de Elvira e Outros Ensaios* (Lisboa, Gradiva, 2006), Eduardo Lourenço situa a obra romanesca de Eça no centro desse conflito, através do próprio processo de «ambiguidade» criativa.

De certo modo, A. Campos Matos, biógrafo e estudioso de Eça (sobretudo a nível da relação entre vida e obra) há muito consagrado, retoma em *Sexo e Sensualidade em Eça de Queiroz* este tópico da «ambiguidade» criativa, transpondo-a constantemente para os condicionalismos sociais e morais da época em que Eça viveu. Como em *Eça de Queiroz — Uma Biografia*, também aqui, para Campos Matos o essencial consiste não em fazer «um inventário de factos (de vida e obra)», mas sim empreender uma «tentativa de os conectar e de extrair deles escondidos significados, insuspeitados para o leitor desprevenido, de modo a criar uma personalidade viva»[1]. Por conseguinte, também neste breve ensaio de cerca de 50 páginas, com ilustrações extremamente expressivas e originais de Rui Campos Matos, os textos de Eça servem sobretudo de oportunos apoios ao minucioso registo biográfico que permite esboçar o retrato íntimo do autor, de difícil acesso pela frequente dissimulação de sentimentos e ideias.

Assim, desde o início do livro, Campos Matos, evocando uma carta de Eça a Ramalho datada de Newcastle, 1875, sobre o erotismo «lascivo» da mulher inglesa, suscita a questão sempre problemática da sua famigerada misoginia, para logo afirmar: «Eça é, afinal de contas, representante de uma burguesia rural e de uma cul-

tura muito pouco evoluída relativamente à mulher, perfilhando nitidamente, sem que tenha a coragem de abertamente o declarar, os pontos de vista retrógrados que exprimiu o seu amigo Oliveira Martins a este respeito. Tal como Proudhon, poderia fazer suas as palavras célebres deste filósofo, economista e moralista: a mulher tem apenas um destino — 'ménagère ou courtisane'» (p. 13).

Se é verdade que esses indícios de misoginia atravessam a obra e, concomitantemente, a vida de Eça (elementos sempre em paralelo, para Campos Matos), também é verdade que o tema não chega nunca a ser aprofundado ao longo deste ensaio, constituindo, por vezes, mero pretexto para contestar outros biógrafos e estudiosos de Eça, como é o caso flagrante de João Gaspar Simões. No que, aliás, Campos Matos não deixa de ter razão...

Resta o mais importante, a arte, que, como se sabe (e ele próprio o disse), para Eça é «tudo», tudo o resto sendo «nada». E nesse processo de pura e laboriosa criação da palavra, nessa pujança do imaginário cristalizado em múltiplas expressões sensoriais, entre o amor impossível da mulher que se imagina e o «impulso fisiológico da sensualidade chã e tantas vezes brutal» (p. 29), Eça é, entre os nossos romancistas e contistas do século XIX, sem dúvida insuperável. Assim o reconhece Campos Matos, através de uma análise exaustiva e sistemática da obra queirosiana, indo desde a criação do duplo Fradique Mendes até às numerosas e variadas personagens de romances e de contos. Mas esse pujante imaginário erótico de Eça conduz sempre (ou quase sempre) à constatação de que o amor é pura ilusão, dependente que está do efémero. De facto, como nota Campos Matos, há uma característica predominante do mundo das «relações amorosas na ficção queiroziana: o amor é uma ilusão, a carne um engano e, quantas vezes, uma cilada — 'quando o corpo se extasia, a alma entristece'. Assim será com Amaro e Amélia, com Basílio e Luísa, com Vítor e Genoveva, com Carlos e Maria Eduarda...» (p. 27).

Por outro lado, em Eça, as personagens femininas ficam reduzidas ao culto do corpo (ou então, no outro extremo, às lides do lar), nunca se impondo intelectualmente, como também nota com pertinência Campos Matos: «Nenhuma das personagens femininas queirozianas, protagonistas de paixões transgressoras, pratica a sedução pela qualidade da conversação, pela inteligência reflexiva, pelas virtudes intelectuais, mas apenas pelos seus atributos físicos, que vão merecer a Eça uma cuidadosa atenção narrativa. Desses atributos destacam-se os cabelos, ora negros e densos ('cor de treva'), ora louros ou ruivos ('cor de brasa'); a pele láctea que se distingue pela sua macieza nas louras; o andar leve; a cintura fina» (p. 32). Acrescenta o autor que a obsessão sensorial relativamente à minuciosa descrição das personagens femininas tem a ver com «o predomínio da imagem sobre a ideia e, por extensão, a sensualidade como prazer dos sentidos» (p. 33).

Um pormenor interessante sagazmente assinalado por Campos Matos é, nesse domínio da descrição das personagens femininas a partir da imaginação sensorial, a importância dada ao olfato. De facto, em Eça, são sobretudo as «inúmeras referências de carácter olfactivo, ao longo da narrativa, que participam na caracterização das personagens femininas», desde a condessa de Gouvarinho, que «surge invariavelmente com um forte perfume a verbena», a Maria Eduarda, com «um perfume indefinido e forte a jasmim», passando pelo horrível «cheiro acre e adocicado a rapé e a formiga» da titi de *A Relíquia* (p. 33-4).

Para lá ainda destes impressionantes e originais pormenores descritivos fica, sem dúvida, aquilo a que Campos Matos chama «riquíssima matéria onírica», «o simbolismo e a ligação que ela faz entre a vida consciente e a vida inconsciente» (p. 57). É, afinal, nessa complexidade, através da própria arte do pormenor descritivo relacionado com os temas do sexo e da sensualidade, que a obra incomparável de Eça estará sempre a ser redescoberta.

Álvaro Manuel Machado

Carlos Mendes de Sousa
FIGURAÇÕES DA ESCRITA
CLARICE LISPECTOR
São Paulo, Instituto Moreira Salles / 2012

A génese do livro *Figurações da Escrita* envolveu um desvio de rota na trajetória académica de Carlos Mendes de Sousa. Ele fazia uma pesquisa sobre o escritor alagoano José Lins do Rêgo quando se deparou com *A Maçã no Escuro*, de Clarice Lispector, e foi definitivamente atraído pela literatura da escritora brasileira de origem judia, nascida na Ucrânia. O incidente de percurso permite associá-lo à protagonista do romance *A Paixão segundo GH*, quando afirma que «O mistério do destino humano é que somos fatais, mas temos a liberdade de cumprir ou não o nosso fatal: de nós depende realizarmos o nosso destino fatal». Havia-se consumado o «efeito-Lispector», expressão que o professor toma emprestada a Eduardo Prado Coelho referindo-se ao «impacto produzido por determinados autores que decorre de uma espécie de energia contagiante que atinge o leitor a partir do primeiro contato». O acaso se transformou em escolha e, em 1992, o professor universitário tomou para si a tarefa de passar em revista o que havia sido publicado sobre a autora, pesquisando também nos originais depositados na Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Era o ponto de partida para a tese de doutoramento, que logo se converteu em livro de pequena tiragem, e com ele ganhou o Grande Prémio de Ensaio da Associação Portuguesa de Escritores. Mas os quinhentos exemplares publicados pela Universidade do Minho em 2000 eram pouco para uma obra que foi-se tornando referência entre os clariceanos. Por isso em boa hora saiu a edição brasileira, pelo Instituto Moreira Salles.

Carlos Mendes de Sousa propôs-se uma tarefa ambiciosa: abarcar a totalidade da produção literária (romances, contos, crónicas e outros textos) no intuito de identificar forças motrizes, apontar-lhes o modo de funcionamento e entender seu significado na economia criativa da autora. O risco da empreitada era evidente: como delimitar esses pontos, sem cair na armadilha da simplificação e do engessamento formalista e sem também aderir a uma crença totalizadora? Ele enfrentou o desafio tomando como fio condutor o conceito de figura, trabalhando o conjunto da obra. Deu certo: a empreitada resultou numa investigação de fôlego e tornou-se referência para os estudos lispectorianos.

Na introdução, o autor situa historicamente o lugar diferenciado de Lispector na literatura brasileira. A indagação sobre a origem e o sentido dos seres e das coisas e a inquirição contínua e profunda da existência impulsiona uma ficção que versa, de forma mais ou menos direta, sobre o próprio processo de escrita e a criação artística. São textos em que, com histórias mais ou menos estruturadas, são encenadas experiências, surpresas e angústias acerca da condição vivente.

O autor, ao esclarecer seu rumo interpretativo, acentua que, desde a primeira obra publicada, importam menos os acontecimentos localizáveis e as visões realis-